



## MINAS GERAIS: ESCRITORES, ESCRITORAS E ESCRITOS

[...] O quanto que envaidece e intranquiliza, entidade tão vasta, feita de celebridade e lucidez, de cordilheira e História. De que jeito dizê-la? MINAS: patriazinha. Minas — a gente olha, se lembra, sente, pensa. Minas — a gente não sabe.

[...] Seu orbe é uma pequena síntese, uma encruzilhada; pois Minas Gerais é muitas. São, pelo menos, várias Minas.

Guimarães Rosa.

SANTOS, Natalia Gonçalves de Souza Santos

TOLENTINO, Eliana da Conceição

O território de Minas Gerais já foi cantado em prosa e verso pelos mais variados autores e autoras, nascidos ou não no solo mineiro. Desde os tempos coloniais, eles e elas procuraram descrever suas particularidades topográficas, sobretudo no que tange à magia do seu relevo, suas reservas minerais, ao mesmo tempo fonte de pujança e de maldição, a marcante arquitetura colonial ao lado de ambiciosos projetos modernistas, os costumes das gentes, conformada em tipos literários, como o caipira, o sertanejo etc. No entanto, como ilustram as passagens extraídas do texto “Minas Gerais”, publicado na obra *Ave, palavra* (1970), pode-se dizer que existe algo de indefinível que sempre escapa a representações e potencializa novas e instigantes tentativas de abarcar e problematizar os diversos aspectos do estar no mundo em Minas Gerais. Nesse sentido, o presente dossiê buscou acolher contribuições críticas de múltiplos vieses, a fim de coligar diversas perspectivas de estudo sobre manifestações artísticas e literárias produzidas em e sobre Minas Gerais. O resultado alcançado reforça o dizer de Guimarães Rosa: “Minas Gerais é muitas. São, pelo menos, várias Minas”.

Com a temática proposta, a revista *Gláuks* pretendeu, também, homenagear o **centenário de nascimento do escritor mineiro Otto Lara Resende** (01/05/1922 – 28/12/1992), que tão bem vivenciou a região em suas composições. O artigo escolhido para *Gláuks: Revista de Letras e Artes- jul-dez,2022-ISSN: 2318-7131-vol.22, nº 3*

abrir o dossiê intitula-se “Entre dentes, cartas e afeto, a correspondência de Otto para Josué”, de Miguel Rettenmaier, por atender a duas demandas: a homenagem ao centenário de Otto Lara Resende e a tentativa de garimpar preciosidades da vida literária de Minas ou relacionadas ao estado. Nesse caso, esses achados provêm do Acervo Literário de Josué Guimarães, que é parte da infraestrutura do Programa de Pós-Graduação em Letras e do Curso de Letras da Universidade de Passo Fundo. Por meio da leitura deste trabalho, podemos acessar a intimidade dos dois escritores, bem como a importância que o leitor Otto teve na escrita de Josué. Para além desse objetivo central, conhecemos os processos de organização de um arquivo que não é, parafraseando Derrida, “um local de estocagem, mas algo que determina a estrutura do conteúdo arquivável”.

Na sequência, apresentamos o artigo “Nas tramas do destino: os fios de Malvina”, de Evellin Naianna Souza Oliveira Gomes e Flávia Aninger de Barros, que, apesar de nos transportar aos tempos coloniais, que guardam o marco zero da literatura mineira, o estudo sobre a personagem Malvina, protagonista d’*Os sinos da agonia*, de Autran Dourado, coloca-nos em contato mais com as terríveis Moiras da Antiguidade que com a singela pastora do Arcadismo. Assumindo o lugar de fiandeira de seu próprio destino, no intuito de realizar seus desejos, Malvina acaba sendo deusa de sua própria tragédia, gênero à luz do qual o romance é discutido.

Em “Homens do além-mundo: leituras relacionais de obras de Murilo Rubião e Machado de Assis”, Amanda Berchez propõe aproximações entre contos de Murilo Rubião, escritor mineiro, e obras de Machado de Assis, sobretudo *Memórias póstumas de Brás Cubas* e *O alienista*. Sacudindo “a poeira do texto anterior”, para retomar as palavras de Tânia Carvalhal, evocadas por Berchez, a autora evidencia que Rubião dialoga com o texto machadiano principalmente por meio das temáticas da loucura e do incesto, contribuindo para a formação daquilo que ela chama de ‘fantástico da infelicidade’.

Apropriando-se de elementos da própria linguagem roseana, no artigo “Das Minas, Rosa: um intérprete do Brasil”, Cristiano Santos Araujo explora o imaginário religioso presente nas obras *Grande Sertão: Veredas* e *Chronos kai Anagké*: a mais extraordinária história do Xadrez explicada a adeptos ou não adeptos do tabuleiro, obra de juventude de Guimarães Rosa. Respondendo, de antemão, à hipótese de que o célebre autor pode ser

considerado como intérprete da cultura brasileira, Araujo aborda a sua ficção como possibilidade de “acervo, registro e interpretação de memórias tradicionais de uma compreensão popular brasileira”.

A poeta Maria Zélia Vale de Oliveira traz em seu livro *Coração do tempo*, publicado postumamente em 2020, retratos das pequenas cidades mineiras da microrregião do Campo das Vertentes e seu cotidiano em meados do século XX. Deivide de Almeida Ávila e Ozana Ap. do Sacramento, no artigo “Memórias interioranas em *Coração do tempo*, de Maria Zélia Vale de Oliveira”, recolhem com cuidado poemas representativos do trabalho memorialístico executado pela escritora. Em cada trecho, notamos o relevo mineiro, coberto de flores e frutas diversas, o badalar dos sinos nas cidades históricas, a velha jardineira. À luz de Candau, os autores entreveem aí a ‘metamemória’: ostensiva e reivindicada, sabendo que ela recobre não apenas fatos, mas elementos agregados pelo imaginar. E também pela leitura, pois os poemas, conforme evidenciado no artigo, trazem memória das leituras de Gonçalves Dias, Cecília Meireles etc.

Também detendo-se na poesia, em “*Libertas quae sera tamen*: a memória desdobrada da infância mineira em *Menino Antigo*, de Carlos Drummond de Andrade”, as autoras apresentam a proposta de leitura da obra publicada em 1973, de Carlos Drummond de Andrade. Com um embasamento teórico importante, o texto põe a conversar a lírica drummondiana com questões como mineiridades, memória, esquecimento, sujeitos, identidades. O texto realoca o sujeito lírico na multiplicidade em que a voz poética, situada no território de Minas Gerais, no século XX, desdobra-se em eu e outro, numa enunciação poética que transita entre passado e presente, em constante devir. Nesse sentido, o cunho memorialístico de *Menino Antigo*, aponta, segundo as autoras, para uma autobiografia não convencional, em que o eu, fala de si, do outro e de outros eus, pois o tempo da escrita é os do contemporâneo que exige uma rearticulação da memória e do esquecimento e caminha para a invenção.

Em “As revelações contemporâneas do Modernismo: escavações literárias por Minas Gerais”, Nilo da Silva Lima se afasta do que pode ser considerado como o eixo principal do modernismo brasileiro, situado entre São Paulo e Rio de Janeiro, concentrando-se na retomada de expressões pouco conhecidas, localizadas nas cidades de São João del-Rei e

Ponte Nova. Suas escavações evidenciam uma percepção rizomática dos legados modernistas, jogando luz nos bastidores da criação, por meio da leitura das páginas do *Suplemento literário do Jornal do Povo*, de Ponte Nova, um dos principais veios encontrados pela sua pesquisa.

O título “Tensa como as cordas de um violino” retoma diretamente o diário da escritora mineira Maura Lopes Cançado, analisado ao longo do artigo de Alex Fabiano Correia e Márcia Moreira Custódio. Os autores pautam-se na ideia do ‘escrever-existir’, uma vez que o diário e os contos de Maura baralham as fronteiras entre a realidade e a ficção, deslindando experiências de internações manicomiais vivenciadas por Cançado, entre os anos de 1949 e 1980. Essa tensão é posta a serviço da fala dos excluídos, sobretudo mulheres excluídas, taxadas como loucas por comportamentos desviantes aos olhos da sociedade patriarcal. A escrita de si é a forma encontrada para problematizar essa situação.

O artigo “Perímetros urbanos, parâmetros racistas: Conceição Evaristo no mapa da literatura”, de Júnior Vilarino, situa o leitor simultaneamente no centro da metrópole belorizontina, cujas modernidades incitam o desejo de fruição de diversos sujeitos, conforme imagem arrolada no artigo, e à margem, ao se debruçar sobre o romance *Becos da Memória*, de Conceição Evaristo. Partindo do conceito foucaultiano da heterotopia, Vilarino explora a dinâmica da abertura e do fechamento do espaço periférico, possibilitando uma experiência *sui generis* de letramento à narradora-personagem Maria-Nova. Mais uma vez, a escrita se mostra fundamental para dar vazão a vozes descentradas, desta feita, sob a perspectiva evaristiana da ‘escrevivência’.

O artigo “Literatura e filosofia *Em Silêncio* de Maria Lysia Corrêa de Araújo”, de Iza Condé da Cruz e de André Monteiro Guimarães Dias Pires, a partir da leitura da relação Filosofia/Literatura, insere a obra da escritora mineira Maria Lysia Corrêa de Araújo na série literária ao lado de Clarice Lispector e Guimarães Rosa. Pautando a leitura nos questionamentos sobre o ser que se empreende no texto literário do livro *Em Silêncio* (1978), os autores selecionam, para a discussão, contos em que as personagens são mulheres que refletem sobre suas existências e, a partir dessa reflexão, tomam atitudes no sentido de experienciar outras vivências.

Finalizando a seção de artigos do presente dossiê, temos a leitura feita por Gracia Regina Gonçalves do conto “Iniciado do vento”, presente na coletânea *A Morte da Porta Estandarte e Outras Histórias*, de Aníbal Machado. Essa contribuição faz ressoar mais uma imagem não hegemônica produzida pela literatura de Minas Gerais. Amparada nas discussões promovidas por Judith Butler, Gonçalves mostra a quebra de expectativas em torno da personagem Zé Roberto, no que diz respeito ao gênero. Sua performance entra em contradição com um país ainda agrário, que procura a custo modernizar-se. A leitura de Gonçalves destaca discursivamente como o engenheiro faz uso da palavra para desvencilhar-se de uma situação perigosa.

Na seção “Entrevistas”, temos uma contribuição coletiva do projeto *Minas Mundo: o cosmopolitismo na cultura brasileira*. O projeto é composto por uma rede de diversos pesquisadores e pesquisadoras de universidades nacionais e estrangeiras. Seu objetivo é “dar visibilidade acadêmica e pública ao cosmopolitismo da cultura mineira em diferentes áreas e linguagens: artes plásticas, literatura, música e ciências, entre outras”. No presente texto, duas instigantes questões, elaboradas por Lucas van Hombreeck e André Botelho, são respondidas por diferentes membros do projeto, entre os quais Angelica Adverse (UFMG); Beatriz Malcher (UFRJ); Bruno Viveiros (UFMG); Carmen Felgueiras (UFF); Eduardo Dimitrov (UnB); José Newton Coelho Meneses (UFMG) e Mariana Chaguri (Unicamp). Por meio de diferentes visões, o leitor pode se deparar com formas distintas de se pensar as efemérides de 2022, entre elas, o Centenário da Semana de Arte Moderna e compreender como os pesquisadores veem a efeméride que está por vir, em 2024, a saber: o centenário da viagem dos modernistas a Minas Gerais. Por fim, cada pesquisador discute o seu objeto de estudo em função da ideia de cosmopolitismo.

Na sequência, temos o belo texto-depoimento “Tipografia do Zé: estratégias de produção em tipografia”, de Flávio Vignoli e Mário Alex Rosa, que trazem um pouco das artes gráficas, focalizando a Tipografia do Zé em Minas Gerais, mais especificamente, em Belo Horizonte. O texto aponta para o trabalho minucioso dos mestres de ofícios e para a plasticidade e cuidado visual na realização final do livro, em destaque, como mestre de ofício, Seu Matias. Nas palavras dos autores, o trabalho que se inicia com um projeto tipográfico tem no gesto corporal a materialização de um processo que requer paciência, habilidade,

conhecimento prático, persistência, criatividade e intuição. O livro impresso tem no artista gráfico um papel importante, pois a performance resulta num trabalho autoral de uma obra de arte, com destaque para livros de artista. O texto enumera algumas das edições da Tipografia do Zé principalmente as de poesias como a do poeta português Fernando Pessoa, além das de poetas contemporâneos como Ana Martins Marques, Ricardo Aleixo, Augusto Massi, Flávio Vignoli, Vera Casa Nova entre outros. Com a certeza de que cada livro é uma obra de arte, a Tipografia do Zé continua seu trabalho estético e artístico, reativando as amizades literárias.

A seção “Resenhas” apresenta, pela sua diversidade, a pujança do que vem sendo produzido sobre e desde Minas Gerais. A começar pelo livro de crônicas *1929* (2021), de Rafael Fava Belúzio, resenhado por Helen Queirós, que traz a vida algo modorrenta mas que desperta saudades daqueles que partem de Carangola, situada na Zona da Mata mineira. A obra do escritor Anibal Machado é discutida na resenha de Dirceu Magri sobre o livro *Anibal Machado: um escritor em preparativos*, publicado pelo Museu do Ouro de Sabará e de autoria de Marcos Vinícius Teixeira que, além de analisar a obra e a trajetória do escritor, presenteia o leitor com textos inéditos e esparsos. Já na resenha do livro *Lira mensageira: Drummond e o grupo modernista mineiro* (2022), Luis Gustavo de Paiva Faria discute como Sérgio Miceli oferece uma contribuição valiosa para a compreensão do modernismo em Minas Gerais, de interesse para estudiosos de diferentes áreas, dos estudos literários ao pensamento social brasileiro. Finalmente, encerramos a seção com um convite ao conhecimento sobre o longo e variado percurso das Letras em Minas, por meio da leitura da resenha à coletânea *Literatura mineira: trezentos anos* (2020), organizada por Jacyntho Lins Brandão, congregando importantes pesquisadores de diversas universidades brasileiras. Assinado por Paulo Henrique Ribeiro Ratti e Eliana da Conceição Tolentino, o texto retoma esse monumental estudo, que sinaliza um marco na história literária do estado.

Encerrando o dossiê, temos a alegria de reproduzir a crônica “Respeitável público”, de Cirene Ferreira Alves, escritora viçosense que acabou de completar 102 anos de idade. O texto traz em três momentos a recepção do espectador diante das apresentações de circo. Num tom saudosista e bucólico, a autora discorre sobre as emoções que o circo provoca desde a infância até a vida adulta. “Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades”, diria Camões, mas

as emoções que o circo instiga serão sempre as mesmas, independente das tecnologias.

Se num primeiro movimento, a crônica relembra as apresentações circenses, num segundo momento, o leitor é transportado para a plástica visual do picadeiro com suas cores, seus sons, seus barulhos, suas músicas. Finalmente, o terceiro movimento da crônica aponta para a permanência do circo, para a entrada num circo que se anuncia, ainda que seja na ficção do texto, pois, nos dizeres da cronista, o circo “Precisa ser presente de vez em quando, na cidade da gente, é só.”

Agradecemos vivamente a todos os autores e autoras que contribuíram para que o presente dossiê alcançasse um excelente resultado, pois reconhece o que foi feito e dá visibilidade para o que vem sendo desenvolvido nas Letras de Minas Gerais.